

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 10): A Interpretação do Mito Hebraico Monoteísta

Seção 09 / Aula 10

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 10/05/2026, 07:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: April 3, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

Aula e desenvolvimento

Hoje chegamos à nossa oitava e final alternativa interpretativa de Gênesis capítulo 1. Estou chamando isto de interpretação do mito hebraico monoteísta. Como ponto de partida para compreender esta interpretação, quero recorrer a um livro de uma dupla de estudiosos evangélicos, Johnny Miller e John Soden, chamado "No Princípio Nós Entendemos Mal", publicado em 2012. Miller e Soden são professores no Columbia Bible College e no Lancaster Bible College, ambos com doutorados pelo Dallas Theological Seminary. Portanto, eles têm credenciais conservadoras que são simplesmente impecáveis. Eles não podem ser acusados de ser estudiosos liberais radicais ou progressistas. Eles argumentam em seu livro que Gênesis 1:1 a 2:3 não deve ser tomado literalmente.

Eles repassam a evidência contra uma interpretação literal do texto que já revisamos nesta classe quando discutimos a interpretação literal. Eles também concordam com a visão da estrutura literária do estudioso francês Henri Blocher de que os dias não são ordenados cronologicamente em Gênesis 1 mas antes são ordenados em uma espécie de modo paralelo ou temático que não implica uma semana cronológica de dias. Além disso, eles concordam com a visão de John Walton de que a criação começa com o versículo 2 do texto e não com o versículo 1. Em todos estes aspectos a visão deles é familiar e não nova. O que é distintivo sobre a visão deles é a maneira pela qual eles entendem o relato de Gênesis em relação à mitologia do antigo Oriente Próximo.

Eles sustentam que a chave para interpretar corretamente Gênesis 1 é compará-lo com os mitos egípcios de criação. Eles também examinam mitos mesopotâmicos e mitos cananeus também, mas pensam que estes têm poucas semelhanças com Gênesis 1. Mas eles apontam que Israel esteve no Egito por cerca de quatrocentos anos, e os israelitas haviam passado a adorar divindades egípcias. Quando comparamos Gênesis 1 aos mitos egípcios de criação então emergem semelhanças muito significativas, bem como diferenças. As diferenças nos ajudam a ver as maneiras pelas quais Israel procurou corrigir estes mitos pagãos.

Fontes e reconstrução dos mitos egípcios

Reconstruir um mito egípcio de criação é extraordinariamente difícil. Eles admitem: "Não há um único relato egípcio conhecido até hoje que descreva a perspectiva egípcia completa sobre a criação. Em vez disso, temos de montar um mosaico de fragmentos e pedaços registrados em vários documentos. Esses documentos representam uma mistura de épocas e teologias (abrangendo mais de dois milênios), muitos deles em tensão uns com os outros, uma situação que não parecia incomodar os egípcios.

[...] Em sua maior parte, os documentos egípcios de criação consistem em breves declarações e alusões, espalhadas entre muitas inscrições (Textos das Pirâmides, Textos dos Sarcófagos, o Livro dos Mortos, e outras inscrições)." Então realmente não há uma história da criação disponível no Egito, mas eles juntam essas várias inscrições de túmulos, de sarcófagos, de vários outros monumentos, e dessa maneira tentam construir um quadro coerente daquilo em que esses teólogos egípcios criam sobre a criação. Eles resumem o mito egípcio de criação da seguinte maneira, e vou ler agora uma citação muito extensa do resumo deles da visão da criação nesses mitos egípcios. "Antes do início da criação, havia apenas um mar infinito escuro, aquoso, caótico. Não havia nada acima do mar ou abaixo do mar – o mar era tudo o que havia.

Imerso no mar, Atum (ou Re ou Amun ou Ptah), o deus criador e fonte de tudo, trouxe a si mesmo à existência separando-se das águas. Cosmologias egípcias que veem Amun como o criador, ou mesmo como uma das quatro qualidades iniciais da matéria pré-criação (aquosa, ilimitada, escura, imperceptível) da qual a criação emerge, então também entenderiam o vento como presente na água, porque Amun também era deus do vento. Visto que Atum, Amun, e Re estão todos ligados ao sol, a luz então existia, embora o próprio sol ainda não tivesse surgido. Embora vários meios de criação sejam usados de modo intercambiável nos relatos egípcios (incluindo espirrar ou cuspir e masturbação), em muitos relatos Atum (ou um dos outros deuses mencionados acima) falou o universo à existência.

Esta nova criação (ou o 'universo' como concebido pelos egípcios) começou com a separação das águas para criar a atmosfera (uma bolha de ar, conhecida como o deus Shu, no meio desta massa infinita de água). A ordem de Atum separou a superfície das águas no céu (Nut) da terra (Geb). As águas recuaram e o primeiro monte de terra apareceu. O sol (Re), já nas águas (Nun) antes da separação da atmosfera, surgiu pela primeira vez como o principal evento da criação. E assim o universo básico foi formado – uma bolha de luz, ar, terra, e céu na contínua infinitude de água escura, imóvel.

O universo era de fato composto de milhares de deuses (todos os quais eram parte de Atum) no entendimento egípcio, porque 'todos os elementos e forças que um ser humano poderia encontrar neste mundo não são matéria e energia impessoais mas as formas e vontades de seres vivos – seres que superam a escala meramente humana, e são, portanto, deuses.' Para dentro do universo, Atum ordenou a criação de plantas e vida animal, Re formou o homem como sua imagem, ou Khnum moldou o homem em uma roda de oleiro com o fôlego do deus (Re ou Hekat ou Aton) dando vida à imagem. Em alguns relatos, o homem brota das lágrimas do olho de Atum (o sol). Depois de falar à existência o 'universo' e seus milhões de deuses com suas cidades, santuários, e ofertas, Ptah descansou com tudo em ordem...

Na teologia egípcia, toda a criação foi feita em um único dia, que era chamado 'a primeira ocasião.' Ao fim do dia, o sol viajava através da Duat (o submundo egípcio) e lutava contra os inimigos da ordem para surgir vitorioso no dia seguinte. [Então, quando o sol se põe, ele passa pelo submundo e luta com as divindades do submundo que trariam desordem até que ele surja novamente no dia seguinte.] Cada dia sucessivo reencenava o evento da criação: o sol havia conquistado sua vitória sobre os inimigos novamente e iniciado um novo dia de ordem."

Perguntas sobre monismo e politeísmo

Agora, há alguma pergunta que alguém possa ter sobre este mito egípcio composto da criação?

Aluno: O senhor diz que ele é composto. Há alguma coisa que seja verdadeira sobre todos eles?

Dr. Craig: Essa é uma pergunta muito boa porque não posso enfatizar o bastante que não há um relato coerente unificado. Este é um mosaico que foi juntado por estes estudiosos modernos que representa diferentes teologias de diferentes cidades egípcias como Heliópolis, Tebas, e Mênfis. Eles o juntaram, e estes textos estão espalhados por mais de 2.000 anos. Então há quaisquer elementos que sejam comuns? Penso, e falaremos mais sobre isto depois, que um dos elementos principais mais comuns seria o que poderíamos chamar de monismo – a saber, que multiplicidade e diversidade todas emergem de um estado de coisas primal indiferenciado. Isto era representado por água e trevas porque a água é tão amorfa que pode tomar qualquer tipo de forma no pensamento deles (eles desconheciam a estrutura molecular da água, é claro).

Então ela parecia um símbolo adequado para representar esta condição primordial absoluta indiferenciada na qual não havia coisas distintas. O que acontece então é que o deus traz a si mesmo à existência a partir deste estado. Não é que ele seja incriado. Eu olhei os textos para ver se talvez eles pensassem que ele simplesmente veio a ser sem causa. Não, os textos dizem que ele criou a si mesmo. Esse pareceria ser um elemento comum a todos estes. Então, é claro, o politeísmo. Estes mitos são mais teogonias do que cosmogonias. Uma cosmogonia (como vocês podem ver pela palavra cosmos) é um relato da origem do mundo. Mas uma teogonia (como vocês podem ver pela palavra theos que significa "deus") é um relato da origem dos deuses.

Então estes são, propriamente falando, teogonias sobre como os deuses vêm a ser a partir desta condição primordial indiferenciada. Esses seriam alguns elementos que seriam comuns a todos eles.

Aluno: Creio que o senhor se referiu a Israel durante os quatrocentos anos em que eles estiveram no Egito. O senhor estava dizendo que eles poderiam ser categorizados como politeístas durante o tempo em que estiveram lá? Ou alguns deles mantinham seu monoteísmo que receberam de Abraão?

Dr. Craig: Penso que aquilo a que Miller e Soden estão se referindo é que alguns dos israelitas tinham estatuetas ou estátuas de divindades egípcias em suas casas e que, portanto, eles haviam sido infectados pela religião egípcia. Por essa razão eles pensam que não deveria ser tão surpreendente se estas antigas tradições subjacentes a Gênesis traissem algumas das influências destas religiões egípcias. Mas não penso que estejam sugerindo que eles fossem politeístas assumidos.

Aluno: Isto foi especialmente curioso para mim. Tenho um amigo próximo meu que está dizendo que Israel não se tornou monoteísta até depois do Egito e muito mais tarde. Então sua referência a elementos de politeísmo em Israel no Egito foi especialmente curiosa para mim. Eu estava imaginando quão exato isso é.

Dr. Craig: Estou apenas respondendo a qual é a visão deles sobre isto, e não penso que eles se comprometam com uma tese tão radical.

Diferenças da teologia hebraica da criação

Miller e Soden extraem vários pontos de semelhança com Gênesis, mas também apontam diferenças significativas. O que eles sustentam é que o objetivo do autor de Gênesis não é corrigir as descrições físicas encontradas nestas histórias egípcias de criação, mas antes corrigir a teologia da criação. Por exemplo, o autor de Gênesis, dizem eles, desmitologiza completamente o mundo natural. Ele se livra de todos estes deuses e deusas e, em vez disso, tem um único Deus criador que é a fonte de tudo o mais e que não é ele mesmo autocriado nem vem da água primordial mas é antes uma divindade transcendente e soberana. Então eles escrevem: "Na maioria dos casos, o escritor bíblico usa motivos comuns para demonstrar as diferenças gritantes na apresentação hebraica de Deus.

Em outras palavras, as diferenças consideráveis mostram que Gênesis não está copiando mas reformulando os eventos da criação a fim de argumentar fortemente por uma teologia diferente." Assim o povo de Israel rejeita os mitos pagãos politeístas e substitui por ele, por assim dizer, um mito hebraico monoteísta sobre o Deus Criador de Israel. Aqui está como eles resumem a teologia hebraica da criação que se opõe à teologia da criação do Egito. "Moisés não contesta diretamente os eventos da criação, mas ele usa percepções egípcias comuns da criação para apresentar uma compreensão radicalmente diferente e única de Deus e de sua relação com o homem neste mundo. Para resumir estas distinções: 1. Deus em Gênesis existe independentemente da criação e não é criado ou autocriado. 2. Deus sozinho transcende a criação.

[Não há outras divindades, nenhum outro ser transcendente.] 3. Deus é soberano sobre toda a criação. [Não há nenhum tipo de facções em guerra; nenhum tipo de obstáculo a ser vencido. Antes, Deus é completamente soberano sobre o mundo criado.] 4. Somente Deus é divindade. [Não somente não há relato da criação de deuses, há a clara implicação de que nenhum outro deus é criado. Então não é simplesmente que Deus está sobre a hierarquia de outras divindades, mas não há quaisquer outras divindades. Não há outros deuses que Deus tenha criado.] 5. A humanidade tem grande significado e valor como imagem de Deus. A humanidade substitui o sol como o foco central da criação e o clímax dessa criação. 6. Israel deveria celebrar o governo de Deus em suas vidas imitando seu Criador no trabalho e descanso a cada semana.

Este descanso semanal apresenta uma mudança dramática em relação à conquista diária do deus-sol sobre o caos, seu renascimento a cada manhã, e a labuta diária de incerteza em cada dia egípcio..."

Discussão da interpretação e de suas fontes

Alguma pergunta ou discussão sobre esses seis distintivos da teologia judaica da criação em contraste com o Egito.

Aluno: Apenas para esclarecer, o propósito desta ideia aqui é dizer que há uma possibilidade de que o relato de Gênesis não seja um relato literal. É mais uma correção – apenas uma correção teológica?

Dr. Craig: Sim, isso mesmo. Não deveríamos ficar surpresos, na visão deles, se o relato de Gênesis retém muitos desses elementos mitológicos como as trevas primordiais e a água, o Espírito de Deus ou o vento movendo-se sobre a superfície, coisas desse tipo porque esse seria o pano de fundo cultural de Israel. Mas o que os israelitas procuraram corrigir nisto foi (penso que poderíamos dizer justamente) principalmente o politeísmo e substituí-lo pelo monoteísmo. E isso então resulta em um tipo muito diferente de Deus. Agora não é alguém que é autocriado ou criado por outras divindades, mas é um Deus transcendente, um Deus que está sobre toda a criação. Não há outros deuses. A substituição do politeísmo pelo monoteísmo representa uma ruptura muito radical com estes mitos pagãos.

Aluno: Mais tarde, o senhor talvez vá apontar alguma coisa bíblica... como a Bíblia abordaria esse conceito em si?

Dr. Craig: Faremos uma análise crítica desta visão. Sim, certamente. Começaremos isso na próxima semana. Mas agora estamos apenas tentando expor de modo justo a visão que eles expressam.

Aluno: Se estou acompanhando isto corretamente, isto não deve ser meio Se estou acompanhando isto corretamente, isto não deve ser meio confundido com a visão de N. T. Wright - isto não é necessariamente uma polêmica contra a mitologia egípcia.

Dr. Craig: Não estou ciente de que essa seja a visão de N. T. Wright, mas essa certamente é uma visão que é popular entre certos comentaristas do Antigo Testamento. Penso, por exemplo, em Gerhard Hasel que publicou um artigo amplamente citado muitos anos atrás no qual ele argumenta que você pode ver a influência da mitologia mesopotâmica ou egípcia no relato da criação mas o relato da criação em Gênesis é destinado (como você acabou de dizer) a ser uma polêmica contra estas visões. Então eles as refletem em termos de sua oposição a elas em vez de adotar certos motivos. Essa não parece ser a visão de Miller e Soden.

Eles concordariam que há este afastamento radical do politeísmo e a substituição pelo monoteísmo, mas parecem ser mais despreocupados quanto a deixar no lugar estes outros aspectos mitológicos da história da criação desde que a teologia seja corrigida. É relacionado. Ambas essas visões (a de Hasel bem como a deles) veriam que isto deveria ser lido contra este pano de fundo – o pano de fundo cultural da mitologia pagã da Mesopotâmia e do Egito. Mas uma a vê mais como uma reação a ela enquanto (penso que não é injusto dizer) na visão deles ela assimila muito dela mas se afasta radicalmente dela em seu monoteísmo. É por isso que chamo esta visão (e este é meu próprio rótulo; não é o rótulo deles) – mito hebraico monoteísta.

Aluno: Estamos dizendo então que a compreensão de quem Deus é na criação, embora não tenha sido plenamente compreendida pela humanidade remontando a Abraão e assim por diante, quando eles foram para o Egito foram influenciados pela religião egípcia e incorporaram talvez muitas das crenças do povo egípcio, e quando Moisés ou quem quer que tenha escrito Gênesis foi realmente para meio que reconhecer onde eles haviam adquirido estes conceitos

mas então para esclarecer ou corrigir ou redirecionar o pensamento para uma compreensão mais exata (como eles entendem que foi revelada por Deus) da história real da criação?

Dr. Craig: Quase isso. Esse foi um resumo muito belo. Eu diria, exceto pelas últimas duas palavras, que ela foi destinada a corrigir o conceito de Deus nestes relatos.

Aluno: O senhor disse que eles pensam que o versículo 2 é o início da criação. Isso significa que eles sustentariam que o versículo 1 é o título?

Dr. Craig: Entendo que é isso mesmo. Conversamos sobre isto antes. Muitos estudiosos pensam que o versículo 1, “No princípio, Deus criou os céus e a terra,” não é o primeiro evento da criação, antes é uma espécie de título do capítulo, muito como você poderia ter em uma Bíblia de Estudo onde ela teria o título do capítulo. Essa parece ser a visão de Miller e Soden. Argumentei contra isso em uma aula anterior, mas esta é a visão deles. Isso é importante porque se você diz essa visão – a visão do título – então isso faz Gênesis parecer um pouco mais com estas histórias egípcias. Onde elas começam? Elas começam com as trevas aquosas primordiais. E Miller e Soden não estão indispostos a chamar isto até mesmo de caos – que Gênesis começa com um estado de caos.

Isso é mais plausível se você extirpa o versículo 1 e faz dele apenas um resumo ou um título.

Aluno: Eu estava imaginando o que o senhor pensa da ideia de que o monoteísmo teria precedido o politeísmo, e se é possível que Moisés tenha usado material fonte ao nos dar o relato da criação de modo que ele talvez não tenha sido o originador real da história. Nesse caso, a história de Gênesis precederia a Mesopotâmia e mesmo o Egito possivelmente. Então isso tornaria toda esta ideia mais de algo que Deus fez antecipadamente, sabendo que as pessoas iriam nesta direção, em oposição a responder a isso diretamente.

Dr. Craig: Não sou suficientemente especialista na história das religiões para poder falar sobre isso, quanto a quão longe para trás alcança uma espécie de monoteísmo primitivo. Certamente algumas pessoas defenderam tal visão. Mas penso, sim, que precisamos estar muito abertos à ideia de que aquilo que temos em Gênesis incorpora tradições muito antigas que remontam muito antes do Êxodo. Ninguém realmente sabe a data da composição do Pentateuco ou o tempo em que Gênesis foi reduzido à escrita ou quão longe remontam as tradições orais. É realmente conjectura. Quaisquer conclusões que se fundem em dar datas firmes a esses tipos de coisas, penso, são tornadas mais incertas por isso.

Aluno: Se posso canalizar meu van Inwagen interior por um momento, direi que a ideia de um caos é simplesmente ininteligível para mim.

Dr. Craig: [riso] Vocês precisam entender o pano de fundo dele para esta pergunta! Peter van Inwagen é famoso – ele é um filósofo cristão – por dizer sobre visões que ele quer criticar ou com as quais discorda: eu simplesmente não entendo o que você está dizendo. E nas mãos de van Inwagen isto é uma crítica devastadora porque você pensaria que uma pessoa inteligente e informada entenderia a visão. Então quando ele diz: eu não a entendo, esta é a maneira dele de dizer que sua visão é ininteligível. E você está dizendo que esse é o caso com o caos.

Aluno: Sim. Não tenho ideia do que está sendo..

Dr. Craig: Você pode se explicar melhor, dizendo por que acha isso difícil de entender?

Aluno: O senhor fala sobre haver, por exemplo, uma quantidade infinita de água, ou apenas água. Mas haverá espaço vazio, um vácuo quântico, coisas assim.

Dr. Craig: Concordo com você em larga medida, e é uma fonte de irritação para mim a maneira como estudiosos do Antigo Testamento que não são treinados nem em ciência nem em filosofia usam de modo leviano a palavra “caos.” Vou argumentar mais adiante que o estado de coisas descrito em Gênesis 1:2 é tudo menos um caos. Um caos é um estado completamente sem leis no qual qualquer coisa pode acontecer, e esse claramente não é o estado da Terra em Gênesis 1:2. Penso que poderia ser usado para descrever estes mitos egípcios se tomarmos água e trevas como meramente símbolos ou representações (não literais) deste estado primordial, indiferenciado, monístico.

Síntese e continuidade

Permitam-me encerrar aqui com um resumo. A força do título do livro de Miller e Soden, *No Princípio... Nós Entendemos Mal*, parece ser que entendemos mal o tipo de literatura que Gênesis é. O livro deles levanta a pergunta sobre se Gênesis não é também do gênero de mito, como são os relatos egípcios da criação. A diferença entre eles não está em seu gênero literário mas antes em sua teologia. Em contraste com os mitos egípcios politeístas, Gênesis é um mito hebraico monoteísta. Essa será a visão que então começaremos a avaliar quando nos encontrarmos na próxima semana. Vamos encerrar com uma palavra de oração.

Oração final

E agora que o Deus da criação, que falou os mundos à existência, e que criou em nós um novo espírito e um novo coração, encha vocês e os equipe para viverem para o louvor da sua glória ao longo desta semana, em nome de Jesus, nosso Senhor. Amém.

Referências

MILLER, Johnny V.; SODEN, John M. *In the Beginning... We Misunderstood: Interpreting Genesis 1 in Its Original Context*. Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 2012, p. 77, 78-80, 82, 98, 110-111. Referências das notas 1 a 4 do original.

Tradições egípcias mencionadas por intermédio de Miller e Soden: *Textos das Pirâmides*, *Textos dos Sarcófagos* e *Livro dos Mortos*. A aula não identifica edições desses textos.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-10/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-10/>